

A CIDADE DE ALCÁCER DO SAL DURANTE O EMIRATO E O CALIFADO DE CÓRDOVA

Recebido: 24 de Janeiro de 2017 / Aprovado: 29 de Dezembro de 2018

Marta Isabel Caetano Leitão¹

Bolseira de Doutoramento na Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/117606/2016).
Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa (IAP).

Resumo

No actual território português são poucos os vestígios que subsistem dos primórdios da islamização, no entanto, uma análise mais cuidada dos poucos indícios existentes pode vir a revelar mais sobre este período, pouco conhecido, nas cidades do ocidente peninsular. Partindo dos dados arqueológicos, consulta das fontes escritas islâmicas e cristãs, consulta das fontes iconográficas, registo fotográfico do arquivo da DGEMN e com recurso à arqueologia da arquitectura, tentou-se fazer uma reconstrução aproximada daquilo que seria a cidade de Alcácer do Sal durante o Período Omíada.

Palavras-chave: arqueologia medieval muçulmana; *Banu Danis*; fortificação; urbanismo; cultura material.

Abstract

In the current Portuguese territory few traces remain of the early days of islamization, however a careful analysis of the few existing evidences may reveal more about this little known period of the Iberian Peninsula's western cities. Based on archaeological data, written Muslim and Christian sources, iconographic sources, the photographic register of the DGEMN and with recourse to architecture archeology, an attempt was made to roughly reconstruct what Alcácer do Sal may have been like during the Umayyad Period.

Keywords: Islamic Medieval Archeology; *Banu Danis*; fortification; urbanism; material culture.

¹ martaleitao11@gmail.com

1. Do palácio fortificado (*al-qasr*) à formação da medina

Durante o século IX d.C., foi construído na colina mais alta da cidade, um *al-qasr* (palácio fortificado) de planta quadrada com pátio central e com quatro torres rectangulares nos seus ângulos, bem destacadas da muralha, característica das torres tardeo-romanas e do Período Emiral (Torres Balbás, 1985: 569). Este tipo de fortaleza assemelha-se às fortificações omíadas orientais erguidas na zona da Síria e da Jordânia com claras influências bizantinas e sassânidas, como são exemplo as fortificações de *Qasr Minya*, *Qasr al-Anyar*, *Qasr al-Hayr al Sharqi*, Palácio *Amman* de Jerusalém, datadas do século VIII d.C. (Soler e Zozaya, 1989: 265; Stierlin, 2002: 65-82; Enderlein, 2004: 73-78).

Para o caso peninsular, são conhecidas fortificações deste modelo, erguidas no século IX d.C. durante o Período Omíada, como é exemplo a Alcáçova de Mérida, Castelo de El Vacar, na província de Córdoba, Castelo de Guadalerzas, na província de Toledo, Castelo das Relíquias, Castelo Velho de Alcoutim, a primitiva Alcáçova de Silves e a Alcáçova do Castelo de Palmela, também se conhecendo casos para o Norte de África, datáveis do século X d.C., já no Período Califal, como o caso de Ceuta (Soler e Zozaya, 1989: 265; Catarino,



Fig. 1 - Castelo de Alcácer do Sal, 1991 (inventário da D.G.E.M.N.: INV/DGEMN).

1997/1998: 312; Fernandes, 2004: 239; Villada Paredes e Gurriarán Daza, 2013: 54; Gomes, 2014: 26).

Na actualidade, apesar das modificações introduzidas na fortaleza ao longo dos séculos, é possível observar ainda o primitivo palácio, assim como uma porta de arco ultrapassado no seu interior que daria acesso a um segundo piso (Figs. 1 e 2). Através da análise minuciosa dos panos e torres de muralha verificou-se que foram reutilizados materiais construtivos provenientes de construções anteriores na sua edificação, nomeadamente elementos arquitectónicos e epigráficos de época romana, assim como silhares de biocalcarenito (matéria-prima presente na região) de grandes dimensões, bem talhados, possuindo ainda as marcas de extracção

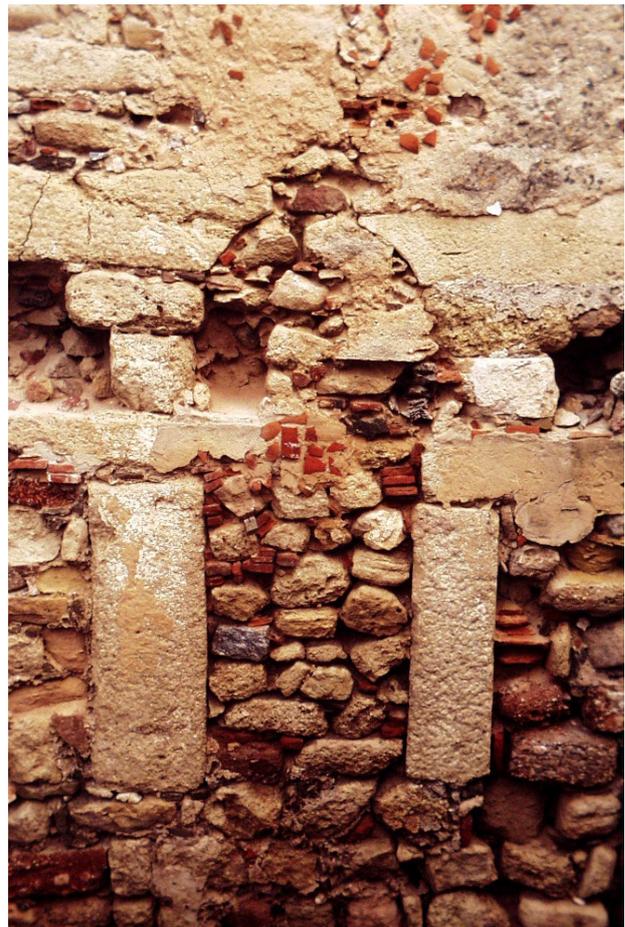


Fig. 2 - Porta de arco ultrapassado (fotografia cedida pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcácer do Sal).



Fig. 3 - Paramento construtivo de uma das torres do *al-qasr* (cedida pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcácer do Sal).

da obra, claramente do Período Romano (Fig. 3). Os mesmos foram dispostos em diversas fiadas na horizontal de forma um pouco irregular e afastados entre si, ligados por argamassa, apresentando o sistema de construção em *soga* e *tissão*, como se observa nas muralhas omíadas de Mérida, de Cória, de Vascos, do Castelo de Castros em Cáceres e também em uma das torres do Castelo de Palmela que, inclusive, apresenta uma dimensão de 10,2 m × 10,5 m, assemelhando-se à largura da face norte de uma das torres do palácio fortificado de Alcácer com 10,88 m (Fernandes, 2004: 239; Leitão, 2016a: 221).

É possível que o *al-qasr*, datado do século IX d.C., tenha sido construído pelos *Banu Danis* quando se instalaram naquela zona, no ano de 875-876,

coincidindo com o século em que se iniciaram as invasões vikings no *al-Andalus*, obrigando o poder central de Córdoba a investir na defesa do litoral ocidental peninsular, até então considerada zona periférica, instalando nela uma rede de atalaias e *ribats*, fazendo com que cidades como Sines e Alcácer cresçam no século X d.C., na medida em que é desta última que se dá, em 956, um alerta de um novo ataque viking (Silva, 2010: 73; Correia, 2013: 74; Leitão, 2016b: 82).

Este aspecto é ainda reforçado pelas fontes árabes que ao referirem o local durante o século IX d.C., designam-no de *al-Qasr*, denunciado deste modo a existência de um palácio fortificado na zona. Por outro lado, a descoberta de cerâmicas datáveis do período em estudo, encontradas durante as intervenções arqueológicas realizadas na alcáçova, em 1993-97, sob a direcção do IPPAR e da DRCA, e de dois capitéis descobertos na mesma cidade, pertencentes a uma construção palaciana e atribuíveis aos finais do século IX d.C. e inícios do X d.C. (Fig. 4), reforçam a hipótese do *al-qasr* de planta quadrada com quatro torres nos seus ângulos ter sido edificado nessa altura (Almeida, 1993: 81; Carvalho, Paixão e Faria, 1994: 227; Carvalho e Faria, 1994: 101-102; Leitão, 2016a: 212).



Fig. 4 - Capitel Emiral.

O crescimento que a cidade viria a ter durante este período não se deveu, somente, aos acontecimentos políticos, mas também à existência de um comércio que se formava a partir de um grande eixo viário que ligava Badajoz a Alcácer do Sal e Lisboa. Aquela era, nesse século, um centro urbano em pleno desenvolvimento, referida por *Alī ibn Hawqal*, como sendo uma cidade fortificada (Rei, 2012: 117; Leitão, 2016b: 81).

Com a instalação do Califado de Córdoba em 929, sabe-se que Alcácer do Sal, já capital de distrito, se encontrava sob o domínio califal, tendo *Abd al-Rahman III* confirmado *Yahyā b. Abi Dānis* à frente do governo de Alcácer e o seu sobrinho *Abd Allān b. Umar b. Abī Danis* como governador das dependências montanhosas da fortaleza, os montes *Banu Benamocer* (actual Serra da Arrábida) (Lévi-Provençal e García Gómez, 1950: 158; Fernandes, 2004: 273).

Este facto irá reforçar o investimento que os Omíadas farão em Alcácer, instalando nela, um estaleiro de construção naval que impulsionará a sua dinâmica portuária e que irá ser fundamental para a investida que *Ibn 'Amir al-Mansur* fará a Santiago de Compostela em 997, servindo-se daquele para equipar a sua frota. Este acontecimento demonstra a importância que aquele porto tinha, indicando a presença de infra-estruturas que permitiam a construção de navios e a presença de uma administração com capacidade para gerir esses mesmos equipamentos (Picard, 1997: 81; Kennedy, 1999: 142).

Durante esta fase, em que Alcácer do Sal já estaria sob o domínio de Córdoba, intensificaram-se as relações comerciais com a capital do *al-Andalus*, assim como outras cidades por via terrestre e marítima, fazendo com que a cidade se viesse a desenvolver, justificando, deste modo, a adaptação do *al-qasr* a alcáçova e à construção do primeiro

recinto amuralhado do núcleo urbano. As escavações arqueológicas realizadas no espaço correspondente à alcáçova, já referidas anteriormente, colocaram a descoberto um pano de muralha, erguido no século X d.C., que separaria a alcáçova da *medina*, assim como a respectiva porta que daria acesso ao núcleo urbano, localizada nesse mesmo muro, tal como a porta, localizada a oeste, que daria acesso ao exterior (Fig. 5). Sobre a primeira não se sabe que tipo de entrada seria, no entanto, a porta localizada a oeste, possuía uma entrada directa e era defendida por duas torres, como se observa na Alcáçova de Mérida (Chagas, 1995: 39; Torres Balbás, 1985: 606; Leitão, 2016c: 25).

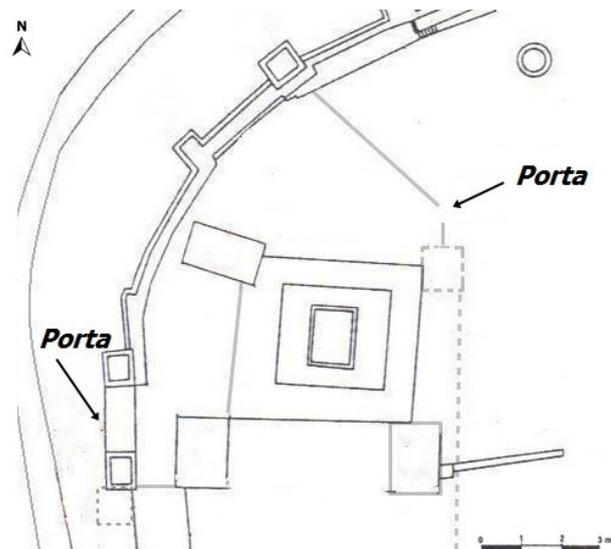


Fig. 5 - Planta da alcáçova (cedida pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcácer do Sal/modificada pela autora).

No que respeita às torres construídas durante o Período Califal, foram identificadas duas na alcáçova, uma delas defenderia a porta que daria acesso ao exterior, enquanto outras cinco se encontravam adossadas à muralha que circundava o núcleo urbano (Figs. 6 e 7). Todas elas possuem formato quadrangular e foram edificadas em alvenaria de pedra média aparelhada e outras não, dispostas em fiadas paralelas, ligadas por argamassa e consolidadas nas juntas por pedra miúda e fragmentos de tijolo, assemelhando-se aquelas a



Fig. 6 - Torre da *medina* de cronologia califal, 1981 (inventário da D.G.E.M.N.: INV/DGEMN).

algumas das torres do Castelo de Palmela datáveis do século X d.C. (Fernandes, 2004: 241; Leitão, 2016a: 213-214).

2. Malha Urbana

2.1 Espaços habitacionais e de armazenamento

Quanto às estruturas habitacionais e de armazenamento correspondentes ao Período Omíada, foram identificadas no interior do *al-qasr*, provavelmente edificadas na altura em que aquele foi construído. Entre essas estruturas, importa destacar a descoberta de uma parede com vestígios de estuque, encontrando-se adossada a ela, do lado este, uma lareira ligada a um poço de abertura e secção circular (Fig. 8), com uma profundidade de

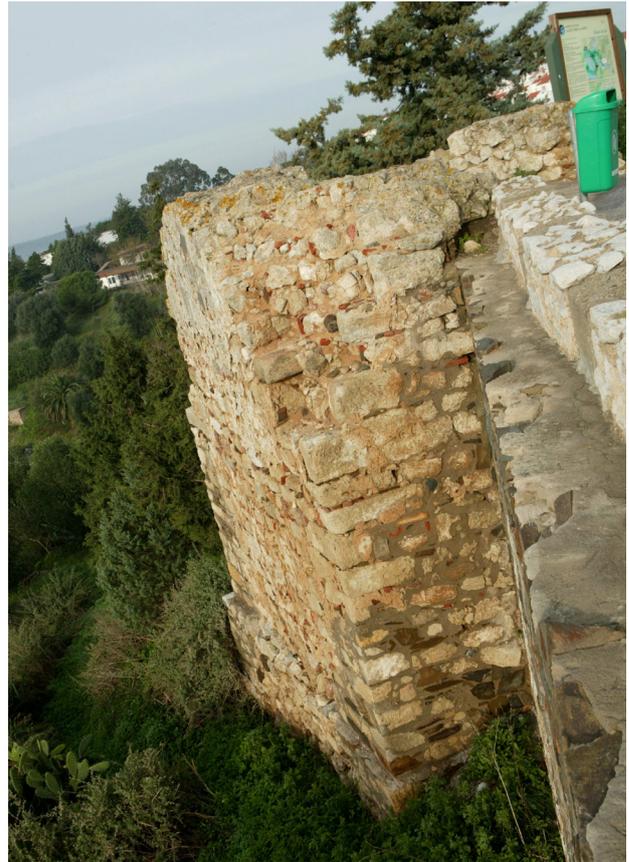


Fig. 7 - Torre da *medina* datada do século X d.C. (fotografia cedida pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcácer do Sal).

cerca de 5 metros, edificado em silharia de pedra bem aparelhada, disposta de forma regular e intercalada por fiadas de tijolo e argamassa (Leitão, 2016a: 225).



Fig. 8 - Estruturas do Período Emiral identificadas no decorrer de intervenções arqueológicas realizadas no Convento de Aracoeli, entre os anos 1993-97, sob a direcção do IPPAR e da DRCA (fotografia de Manuel Perna cedida pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcácer do Sal/ Direcção Regional de Cultura do Alentejo).

Este tipo de construção é característico das edificações iniciais do Período Islâmico (Navarro Palazón e Castillo Jiménez, 1997: 30), tratando-se



Fig. 9 - Espólio muçulmano *in situ* identificado no interior de um compartimento no decorrer de intervenções arqueológicas realizadas no Convento de Aracoeli, entre os anos 1993-97, sob a direcção do IPPAR e da DRCA (fotografia de Manuel Perna cedida pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcácer do Sal/ Direcção Regional de Cultura do Alentejo).

aquele espaço possivelmente de uma cozinha do primitivo *al-qasr*. Um outro compartimento identificado por baixo de um outro, datado do período da ocupação das comunidades magrebínas (Fig. 9), enquadrar-se-á igualmente na datação referida, dado ter-se descoberto a esse nível espólios *in situ*, correspondentes ao Período Emiral, todavia desconhece-se a que tipo de compartimento corresponderia (Leitão, 2016a: 225).

2.2 Arrabalde portuário

Durante o Período Omíada estaria em funcionamento na zona portuária um arrabalde, localizado onde hoje se encontra a Igreja do Espírito Santo/ Museu Municipal da cidade, e cujas intervenções arqueológicas realizadas no local, no ano

2008, sob a direcção da arqueóloga Marisol Ferreira, colocaram a descoberto algumas das suas estruturas. Aquele estaria certamente relacionado com o comércio proveniente do rio, onde habitariam as classes menos abastadas da cidade, nomeadamente os pescadores e outros comerciantes que se dedicavam às actividades portuárias e a alguns ofícios industriais, à semelhança do que se verifica no arrabalde islâmico da Rua dos Correiros em Lisboa (Carvalho, Paixão e Faria, 2001: 207; Bugalhão, Gomes e Sousa, 2007: 318).



Fig. 10 - Planta geral das estruturas identificadas na zona portuária durante escavações arqueológicas efectuadas na Igreja do Espírito Santo, no ano de 2008, sob a direcção da arqueóloga Marisol Ferreira (desenho de Marisol Ferreira).

Entre as estruturas descobertas, encontra-se uma habitação com um poço e fossas associadas edificadas em silharia de pedra (Fig. 10). Aquele local com vestígios de ocupação que remontam à Idade do Ferro foi ocupado no Período Islâmico, logo a partir do século IX d.C., inserindo-se o espólio cerâmico encontrado entre os séculos IX e XIII d.C., abarcando cronologicamente o Período Emiral até ao Período Almóada (Carvalho, Paixão e Faria, 2001: 207-208; Ferreira, 2015: 5).

Alcácer do Sal era, durante o Período Califal, uma cidade em pleno crescimento. O facto de *Ibn Amir al-Mansur*, no ano de 997, escolher o porto daquela cidade para se abastecer de mantimentos e equipar a sua frota, reforça a importância de Alcácer do Sal no século X d.C. É possível que o arrabalde portuário identificado estivesse ligado ao estaleiro de construção naval que as fontes muçulmanas referem (Leitão, 2016b: 81), todavia só novas intervenções arqueológicas no local poderão responder a essa questão.

2.3 Necrópole

Era comum nas cidades islâmicas as necrópoles se encontrarem fora dos recintos amuralhados, nomeadamente junto às portas das cidades e junto das principais vias que partiam dessas mesmas saídas em direcção a outras povoações. Em 2003, durante um acompanhamento arqueológico na encosta ocidental do castelo, sob a direcção do arqueólogo João Carlos Faria, colocou-se a descoberto quatro enterramentos muçulmanos, sem qualquer tipo de espólio associado, cujas inumações se encontravam depositadas em fossas abertas na rocha calcária, com os corpos depositados em decúbito lateral direito, com orientação oeste-este e os crânios voltados a sul, em direcção a Meca, tendo sido os corpos cobertos com terra de

cor castanha acinzentada e pouco compacta (Faria, 2003: 1-8).

Constatou-se que estes indivíduos foram enterrados num mesmo momento, pela proximidade em que se encontravam, não havendo qualquer remeximento ou violação do espaço, demonstrando que haveria um conhecimento exacto da localização dos enterramentos e que, por sua vez, este espaço sepulcral seria gerido de forma cuidada tendo-se a noção da área ocupada pelas sepulturas (Figs. 11 e 12).

No que respeita à datação desta necrópole, José Leite Vasconcellos, em 1895, numa das suas deslocações a Alcácer, faz referência a uma lápide



Fig. 11 - Sepultura 1 identificada durante intervenções arqueológicas na encosta do castelo, no ano de 2003, sob a direcção do arqueólogo João Carlos Faria (cedida pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcácer do Sal).



Fig. 12 - Sepulturas 2 e 3 identificadas durante intervenções arqueológicas na encosta do castelo, no ano de 2003, sob a direcção do arqueólogo João Carlos Faria (cedida pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcácer do Sal).

árabe existente no museu da cidade que teria sido encontrada na encosta do castelo, podendo, aquela, pertencer a esta necrópole (Vasconcellos, 1895: 86). Duas lápides, datadas do século XI d.C., encontram-se hoje em exposição na cripta arqueológica de Alcácer do Sal, traduzidas por Carmen Barceló e Ana Labarta (1987: 239-243) e, possivelmente, fariam parte desta necrópole, sendo uma delas a que José Leite de Vasconcellos fez referência no século XIX.

Encontramo-nos perante uma necrópole dos inícios da islamização deste espaço, nomeadamente das primeiras Taifas, mas também, provavelmente, do Período Emiral e Califal, dado se encontrar localizada junto à porta da alcáçova que dava acesso ao exterior. Aquela era gerida de forma cuidada, certamente por um poder central na cidade, na figura do governador e por alguém responsável pela gerência desse espaço, cuja função seria zelar pelo mesmo, sendo bastante habitual a presença desta entidade nas cidades islâmicas (Torres Balbás, 1985: 235; Leitão, 2016a: 228).

3. Cultura Material

No que respeita à cultura material, proveniente das intervenções arqueológicas realizadas na alcáçova e no núcleo urbano, entre os anos de 1993-97, foram descobertos uma série de espólios de períodos distintos (Carvalho, Paixão e Faria, 2001: 203). Relativamente ao Período Emiral/Califal, foram exumadas cerâmicas características das populações autóctones que já habitariam aquele território antes da chegada dos muçulmanos, denunciando aspectos das produções tardo-romanas e visigóticas, das quais são exemplo um candil de bico curto de pasta cinzenta, alguns púcaros, um jarro, algumas jarras e um cântaro decorado com três traços pintados de cor branca (Figs. 13 e 14). Por outro lado, descobriram-se igualmente

cerâmicas produzidas localmente ou regionalmente, sobretudo no que respeita à loiça de cozinha, com formas e temáticas decorativas do Islão, que indicam a existência de fornos de cerâmica na cidade, sendo aqueles já bastante conhecidos no Período Romano ao longo das margens do rio Sado (Faria, 2002: 69). A presença daqueles é ainda atestada no núcleo urbano durante a Idade Moderna, porventura alguns deles poderão datar do Período Muçulmano (Leitão, 2015: 100).



Fig. 13 - Candil, séculos VIII-IX d.C. (fotografia de António Rafael Carvalho/ Direcção Regional de Cultura do Alentejo).



Fig. 14 - Púcaro, séculos IX-X d.C. (fotografia de António Rafael Carvalho/ Direcção Regional de Cultura do Alentejo).

Outro pequeno conjunto de cerâmicas vidradas, decoradas com técnicas mais elaboradas, como o caso das peças a verde e manganês e corda seca parcial, indicam tratar-se, na sua maioria, de peças importadas. A cerâmica verde e manganês, bastante difundida no *al-Andalus* nos séculos X e XI d.C., sobretudo a partir da cidade palatina de *Medina-al-Zahra*, traduz influências recebidas do Próximo Oriente, desde o século VII d.C., sucessivamente desenvolvidas pelos centros oleiros do Médio Oriente, executando uma técnica decorativa que se iria espalhar por todos os territórios do *dar al-Islam*, como foi o caso da cidade palatina mencionada. Durante os Reinos de Taifas, terão surgindo em algumas cidades, como o caso de Silves e Mértola, centros oleiros imitando esta técnica (Gomes, 1988: 53-54; Gómez Martínez, 2014: 284).

Um fragmento de taça decorada a verde e manganês tem a representação de uma cruz quadrada ou palmetas e ao centro um cordão da eternidade (Fig. 15). São figurações típicas no repertório cerâmico do século X d.C., devendo-se o exemplar tratar de uma peça importada, possivelmente de *Medina-al-Zahra*, momento em que a cidade de Alcácer do Sal já se encontrava sob o domínio de Córdova, conforme referem as fontes (Leitão, 2016b: 81). Por outro lado, um fragmento de jarra que apresenta esta mesma técnica decorativa, e para a qual não se encontrou paralelos, poder-se-á tratar de uma produção local ou regional (Fig. 16), quiçá possivelmente, da cidade de Évora, onde existe uma grande coleção de cerâmicas ornamentadas a verde e manganês, denunciando a existência deste tipo de produção na cidade, possivelmente nos finais do Período Califal e, sobretudo, durante os Reinos de Taifas, altura em que aquela conhece um grande desenvolvimento económico (Filipe, 2012: 55; Leitão, 2015: 123).

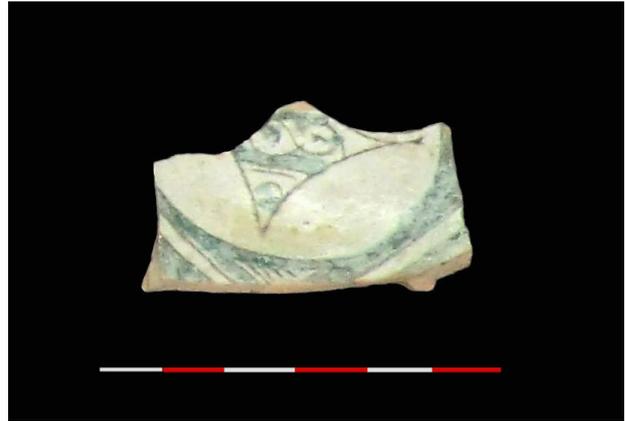


Fig. 15 - Fragmento de taça, século X d.C. (fotografia da autora/ Direção Regional de Cultura do Alentejo).



Fig. 16 - Fragmento de jarra, séculos X-XI d.C. (fotografia da autora/ Direção Regional de Cultura do Alentejo).

A técnica da corda seca parcial, que tem vindo a ser atribuída ao século XI d.C. e que irá perdurar até aos últimos séculos da ocupação muçulmana (Gómez Martínez, 2014: 236), está presente em dois exemplares encontrados, nomeadamente num jarro, descoberto num contexto arqueológico datado do século IX-X d.C., e num candil, possivelmente datado dos séculos X-XI/XII d.C., tratando-se, eventualmente ambas de peças importadas (Fig. 17). No que respeita ao jarro, com uma cronologia correspondente aos inícios do Período Islâmico, enquadra-se na datação atribuída igualmente a uma peça semelhante, decorada em corda seca parcial, exumada em Silves (Gomes, 1988: 103).



Fig. 17 - Jarro, séculos IX-X d.C. (fotografia de António Rafael Carvalho/ Direcção Regional de Cultura do Alentejo).

4. Conclusão

Através da análise das torres e panos de muralha da fortificação, pôde-se constatar, com base nos paramentos construtivos, formas e paralelos com outras fortificações do *al-Andalus*, assim como pela consulta da documentação escrita e fontes iconográficas, que Alcácer do Sal possuía, no século IX d.C., um palácio fortificado quadrangular com quatro torres maciças nos seus ângulos, de formato rectangular, assemelhando-se às fortificações omíadas orientais presentes na zona da Síria e da Jordânia com influências bizantinas e sassânidas. Aquela teria sido erguida a partir da segunda metade do século IX d.C., quando a família dos *Banu Danis* se instalou naquele local.

Os paramentos construtivos da fortificação primitiva, tal como a porta de arco ultrapassado identificada no segundo piso, caracterizam-se pela utilização de elementos arquitectónicos do Período Romano, sendo ainda visível em alguns aparelhos a utilização de *soga* e *tissão*, denunciando a sua edificação no Período Emiral, tal como podemos observar nas muralhas de Mérida. Datam, igualmente, desta altura a construção da cozinha e um compartimento localizado no interior da fortificação.

Durante o século X d.C., encontrando-se Alcácer do Sal sob o domínio de Córdoba, a cidade cresceu economicamente, devido não só à via que a ligava a Évora e Badajoz, como, também, em virtude da sua relação com Córdoba e, sobretudo, pela sua condição de cidade marítima, com bastantes recursos naturais, designadamente boa madeira, justificando desta forma a instalação de um estaleiro de construção naval por parte do poder califal. A importância do crescimento do porto, devido à instalação daquela infra-estrutura, levou à edificação de um arrabalde portuário que estaria ligado às actividades aí fixadas, nomeadamente à pesca, à construção naval, às indústrias e às trocas comerciais.

No que respeita ao palácio fortificado, terá sido adaptado a alcáçova, construindo-se novas torres quadrangulares, com paramentos construtivos diferentes das torres e panos de muralha do Período Emiral, assim como as duas portas, uma que daria acesso à *medina* e outra que permitia a saída ao exterior, onde se encontraria a necrópole. Também se edificaram, nesta altura, as primeiras muralhas que iriam circundar o núcleo urbano. Os testemunhos materiais mostram-nos os quotidianos destas populações e dão-nos alguns elementos relacionados com os circuitos comerciais e riqueza dos habitantes. Peças ricamente

decoradas com a técnica verde e manganês, bem como a corda seca parcial, terão sido importadas de outras cidades do *al-Andalus*, todavia outras peças de cerâmica comum terão sido produzidas localmente ou regionalmente.

A descoberta dos vestígios analisados são um ponto de partida para o conhecimento da cidade de Alcácer durante o Período Omíada, no entanto, muito trabalho ainda se encontra por fazer no que respeita ao estudo desta fase em Alcácer, mas também nas restantes cidades do ocidente peninsular.

Bibliografia

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1993). *História da Arte em Portugal: arte da alta Idade Média*. Vol. II. Lisboa: Publicações Alfa.
- BARCELÓ, Carmen; LABARTA, Ana (1987). Dos inscripciones árabes halladas en Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*, VIII, pp. 239-243.
- BUGALHÃO, Jacinta; GOMES, Sofia; SOUSA, Maria João (2007). Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental da Lisboa Islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios e Mandarin Chinês). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10: 1, pp. 317-343.
- CARVALHO, António Rafael; PAIXÃO, António Cavaleiro; FARIA, João Carlos (1994). O castelo de Alcácer do Sal. Um projecto de arqueologia urbana. *Bracara Augusta*, 46 (Actas do Encontro de Arqueologia Urbana), pp. 215-264.
- CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos (1994). Cerâmicas Muçulmanas do Museu Municipal de Alcácer do Sal. *Arqueologia Medieval*, 3, pp. 101-112.
- CARVALHO, António Rafael; PAIXÃO, António Cavaleiro; FARIA, João Carlos (2001). Contributo para o estudo da ocupação muçulmana no Castelo de Alcácer do Sal: O Convento de Aracoelli. *Arqueologia Medieval*, 7 pp. 197-209.
- CATARINO, Helena (1997/98). O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica: povoamento rural e recintos fortificados. *Al-Úlyá. Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, 6, vols. I, II e III.
- CHAGAS, José António Amaral Trindade (1995). *O castelo de Alcácer do Sal e a utilização da taipa militar durante o domínio almóada*. Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico apresentada à Universidade de Évora.
- CORREIA, Fernando Branco (2013). Fortificações de iniciativa omíada no Gharb al-Andalus nos séculos IX e X: hipóteses em torno da chegada dos Majus (entre Tejo e Mondego). In Isabel Cristina Fernandes, *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*, Vol. I. Lisboa: Edições Colibri-Campo Arqueológico de Mértola, pp. 73-86.
- ENDERLEIN, Volkmar (2004). Syria and Palestine: The Umayyad caliphate. In Markus Hattstein; Peter Delius (eds.) *Islam: Art and Architecture*. Tandem Verlag GmbH. Konemann. pp. 59-87.
- FARIA, João Carlos (2002). *Alcácer do Sal ao Tempo dos Romanos*. Lisboa: Edições Colibri.
- FARIA, João Carlos (2003). *Relatório dos Trabalhos de acompanhamento arqueológico do troço subterrâneo entre a PT ENATUR: Castelo de Alcácer do Sal e o PT Santa Luzia*, Alcácer do Sal.
- FERNANDES, Isabel Cristina (2004). *O Castelo de Palmela do islâmico ao cristão*. Lisboa: Edições Colibri.
- FERREIRA, Marisol (2015). A Igreja do Espírito Santo (Alcácer do Sal): Resultados Finais. *Revista Neptuno*, 19, pp. 4-6.
- FILIPPE, Vanessa (2012). *Contributo para o conhecimento da presença islâmica em Yáburra – Estudo do espólio exumado nas intervenções arqueológicas do Museu Municipal de Évora*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- GOMES, Rosa Varela (1988). *Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves. Xelb*, 1. Silves: Câmara Municipal de Silves.
- GOMES, Rosa Varela (2014). *Arquiteturas: Testemunhos Islâmicos em Portugal*. Lisboa: Castelo de São Jorge.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2014). *Cerâmica Islâmica de Mértola: Museu de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- KENNEDY, Hugh (1999). *Os Muçulmanos na Península Ibérica: História Política do al-Andalus*. Publicações Europa-América.

- LÉVI-PROVENÇAL, Evariste; GARCIA GÓMEZ Emilio (eds. e trads.) (1950). *Crónica Anónima de Abd al-Rahmân III al-Nâsir*. Madrid – Granada: C.S.I.C.
- LEITÃO, Marta Isabel Caetano (2015). *A Presença Islâmica em al-Qasr – Uma análise sobre o urbanismo e o sistema defensivo*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- LEITÃO, Marta Isabel Caetano (2016a). Alcácer do Sal durante o período muçulmano (IX-XIII). *Debates de Arqueologia Medieval*, 6 pp. 209-234.
- LEITÃO, Marta Isabel Caetano (2016b). A Porta Muçulmana da Alcáçova de Alcácer do Sal. *Al-Madan*, Série II, 20 - 2. Adenda electrónica, pp. 80-85.
- LEITÃO, Marta Isabel Caetano (2016c). Estudo do espólio cerâmico proveniente do interior de uma habitação almóada da alcáçova de Alcácer do Sal. *Arqueología y Territorio Medieval*, 23, pp. 23-39.
- NAVARRO PALAZÓN, Julio; CASTILLO JIMÉNEZ, Pedro (1997). *Excavaciones arqueológicas en la ciudad de Murcia: Platería 14. Sobre cuatro casas andalusíes y su evolución (siglos X-XIII)*. Murcia: Centro de Estudios Arabes y Arqueológicos “Ibn Arabi”.
- VILLADA PAREDES, Fernando; GURRIARÁN DAZA, Pedro (2013). Recientes investigaciones sobre las fortificaciones del Califato Omeya en el estrecho de Gibraltar (Tarifa, Algeciras, Tânger, Ceuta). In Isabel Cristina Fernandes, *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*, Vol. I. Lisboa: Edições Colibri-Campo Arqueológico de Mértola, pp. 51-62.
- PICARD, Christophe (1997). *L'Océan Atlantique musulman: de la conquête arabe à l'époque almohade: navigation et mise en valeur des côtes d'al-Andalus et du Maghreb occidental (Portugal - Espagne - Maroc)*. Paris: Unesco.
- REI, António (2012). *O Gharb Al-Andalus Al-Aqsâ na Geografia Árabe (séculos III h. / IX d.C. – XI h. / XVII d.C.)*. Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais.
- SILVA, Carlos Guardado da (2010). *Lisboa Medieval: A organização e estruturação do espaço urbano*. Lisboa: Edições Colibri.
- STIERLIN, Henri (2002). *Islão: de Bagdade a Córdoba: A arquitectura primitiva do século VII ao século XIII*. Hohenzollernring: Taschen.
- SOLER, Alvaro; ZOZAYA, Juan (1989). Castillos omeyas de planta cuadrada: su relación funcional. In Javier Fernández Conde (coord.) *III Congreso de Arqueología Medieval Española*. Actas III Comunicaciones. Oviedo: Universidad de Oviedo, pp. 265-274.
- TORRES BALBÁS, Leopoldo (1985). *Ciudades Hispanomusulmanas*. Madrid: Instituto Hispano Árabe de Cultura.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1895). Excursão arqueológica a Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I:1-3, pp. 65-92.